

"A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E A EDUCAÇÃO POPULAR"

Moacyr de Góes

Autoridades da mesa, parlamentares, Secretário da Educação, meus companheiros professores e professoras, afinal cheguei. Eu estou dizendo isso, porque essa viagem está meio tumultuada. Eu fiquei ontem 3 horas num engarrafamento da Avenida Brasil e terminei perdendo o voo. Tive que fazer um voo que saiu de lá às 9:30 da noite pra chegar aqui às 7:00 da manhã, ~~quando eu cheguei~~ e agora, no hotel, não me encontraram. Houve uns desencontros e eu já estava pensando que não teria oportunidade de rever os professores do Amazonas, digo rever, porque estive aqui na hora da reorganização dos sindicatos de professores dando a minha contribuição para que a organização não perdesse a sua carta sindical, há um ano ou dois anos atrás, e agora, essa oportunidade pra mim é realmente muito feliz, muito gratificante.

Em geral, quando eu começo a discutir a educação a partir de uma prática de educação, no caso, a campanha "De pé no chão também se aprende a ler" (que se realizou em Natal-RN, de 1961 à 1964), vez por outra vem uma pergunta que eu acho da maior oportunidade, eu gostaria de começar ~~por~~ por ela: Por que na metade dos anos 80 retomar a discussão da educação dos anos 60? Os desafios dos dos anos 80 são tão grandes e por que se "perde" tempo com a educação dos anos 60 ?

Eu tenho, em geral, duas respostas para isso. Primeiro, é que na área social/brasileira os questionamentos e os problemas sociais dos anos 60 não foram resolvidos, eles estão aí na nossa cara, com a mesma interrogação que nos faziam nos anos 60.

Então, estudar como a sociedade civil, como o movimento popular dos anos 60 reagiu a esses desafios, é retomar o nível da história. A segunda questão é que o Estado autoritário de 1964 truncou o curso da história, as novas gerações passaram a receber uma história dirigida, condicionada, negando a própria documentação do povo brasileiro. Então reagitar a história dos anos 60 é de uma necessidade urgente até mesmo para que se tenha presente que o movimento social não começou apenas nas greves do ABC de São Paulo. Os movimentos sociais das greves do ABC de São Paulo são importantes, seria ingenuidade negar, mas a história não começa ali. Há alguma coisa antes, como há alguma coisa antes da quele fatos que eu vou falar aqui. O que eu quero dizer é que a visão da história é uma visão dialética, que é uma visão de processo, e que, ou a gente aprende com ela, a história, ou então estamos condenados a repeti-la. E para não repetir os erros é que eu retomo a discussão dos anos 60 e passo a questioná-la na moldura dos anos 80, o que poderá ser feito nos debates.

Esse são os dois grandes motivos. O terceiro específico, aqui, nesta tarde de Manaus, é que eu vim à convite da Secretaria Municipal de Educação, e essa experiência, é uma experiência de Secretaria Municipal de Educação, então este terceiro motivo surge também importante na medida em que a gente reflita um pouco como é que há 25 anos atrás uma Secretaria Municipal de Educação reagiu aos desafios, a esses desafios que vocês têm hoje aqui, porque, os problemas colocados pela sociedade civil dos anos 60 na área social ainda estão aí para serem resolvidos. Então vamos começar nossa conversa.

Nós vamos utilizar primeiro algumas lâminas no retroprojektor para ajudar no encadeamento da nossa discussão, depois, em

determinado momento, nós interromperemos para passar um filme de 13, 14 min., que documenta a experiência, e depois voltaremos com o retroprojektor para concluir. Vamos começar pelo óbvio. A educação não é uma experiência a-histórica, isto é, se nós queremos conhecer realmente uma proposta e uma prática de educação, a primeira preocupação é historicizá-la, isto é, colocá-la dentro de um contexto histórico que a explique, para que nós possamos entendê-la. E como diria Paulo Freire, situar e datar, colocando assim ao nível da história.

Então, nós pretendemos discutir com vocês a campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler" e os anos 60. Ela se desdobrou em Natal-RN, de 1961 à 1964 e foi uma política de ensino público, gratuito, municipal. Veja o seguinte "Pé no Chão" não é um método. Uma vez tive uma discussão muito séria em Brasília, porque determinados colegas antepunham, o método Paulo Freire é o método Pé no Chão. Pé no Chão não é um método, Pé no Chão é uma política. Uma política que saiu de uma teoria para uma prática. E é justamente isso que nós pretendemos reagatar aqui. Agora se ela é dos anos 60, nós temos que começar a identificar, lembrando o que as pessoas já sabem, que é o óbvio, as questões dos anos 60.

Os anos 60 trazem inegavelmente no seu bojo uma crise econômica, uma crise política, uma crise social. A crise econômica é o esgotamento do modelo de substituição das importações, isto é, desde a hora que o Estado brasileiro tinha se dirigido com Vargas para fazer um capitalismo nacional, tendo como base a industrialização, esse processo passa pela substituição das importações. Quando você chega no final dos anos 50, essa substituição das importações já se oblocava no seguinte nível: ou a indústria nacional, a indústria brasileira,

abre mercado interno (por que não tem indústria que faça para estocar, a indústria elabora produtos para vender), ou exportar é a solução.

Então, essa foi a grande crise dos anos 60, até que através de um golpe de estado, de uma situação de força (porque não foi possível a sociedade fazer as reformas políticas, chamadas reformas de base do governo João Goulart), optou-se pela solução de exportar. Então, criou-se o modelo brasileiro, do qual nós ainda somos herdeiros, porque ainda não se modificou . Construiu-se uma belíndia, isto é, construiu-se uma Bélgica, altamente industrializada, mas de uma minoria, em cima de uma Índia, de um grande espaço, e de uma grande população, que não alcançava o poder aquisitivo dos bens industriais.

Aí está, então, a primeira crise, a crise econômica. A crise política e social, é o esgotamento do modelo do Estado populista, aquele Estado criado por Vargas, em 30, e que, com conotações diversas, vai sobrevivendo até 1964. O populismo não conseguiu ultrapassar a fronteira do populismo para o popular, foi um mágico que tirou da cartola todos os coelhos , e chegou a um determinado momento que não tinha mais coelhos para tirar. E como ele não teve as condições históricas, políticas, para transformar o populismo no popular , ~~ele~~ teve que se retirar do palco da história.

Dentro dessa crise que é econômica, que é social, e que é política, nós vamos ver o que é que está acontecendo com a educação.

Um marco do período, nós poderíamos enxergá-lo no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958. Por quê ? Por-

que em 1958, as propostas pedagógicas, as propostas educacionais trazem uma conotação social, uma preocupação do social e do econômico, coisa que na educação brasileira (você que são professores, você que são alunos de pedagogia sabem), esteve presente na preocupação dos educadores dos anos 20, no início dos anos 30. Tinha a obra de Pascoal Leme, a obra de Amísio Teixeira a corroborar essa afirmativa. Mas com a ditadura do Estado Novo, esses questionamentos foram colocados embaixo do tapete, e em 1958, é que as idéias sociais e econômicas em relação à prática educativa voltam à tona, voltam a ser discutidas pelos educadores, já com um dado importante, que é o início do caminho de Paulo Freire em termos de uma proposta de educação. Paulo Freire, um ano antes de 1958, tinha sido relator de um tema chamado "Analfabetismo e Mucambos" num congresso regional do nordeste, no qual ele estabelece o círculo de ferro: miséria-analfabetismo-miséria-analfabetismo. Em 58, ele traz para o Congresso Nacional de Educação de Adultos, uma proposta de educação "com", e não educação "para". Essas duas palavrinhas o "com" ou o "para" mudam substancialmente o enfoque do agente, do sujeito da educação. Educação não-pacote, que seria a educação "para", do educador para o educando, mas a educação participativa, a educação com a participação, com a elaboração conjunta de uma proposta educativa, e não ser educação impositiva, da classe dominante, que detém o saber, para a classe subjugada e dominada, que não detém o saber.

Então a transformação de uma educação "para" para uma educação "com" tem substancialmente um deslocamento de ótica, de percepção do mundo. E a proposta de educação "com", chamada educação popular surge no momento em que a escola é profundamente

elitista, no momento em que a universidade representa apenas 1% dos alfabetizados(nesse país 55% não tem acesso à universidade). As quatro primeiras práticas estão aí relacionadas em ordem cronológica.

MCP- Movimento de Cultura Popular criado na administração do prefeito Miguel Arraes, no Recife, em maio de 1960; a campanha " De pé no chão também se aprende a ler" criada na administração do prefeito Djalma Maranhão, em Natal, em fevereiro de 1961; o MEB- Movimento de Educação de Base, convênio da igreja católica com o governo federal, aproveitando as experiências de escolas radiofônicas para a alfabetização e educação de base, março de 1961; e o CPC- Centro Popular de Cultura da UNE, criado por Leon Roshmi e Vianinha(Vianinha dizia que era necessário uma usina de conscientização nesse país, uma vez que a classe dominante promovia uma usina de alienação, mas ele só podia fazer a conscientização num teatro de 120 cadeiras). A UNE vai oferecer ao grupo de Vianinha, ao grupo do teatro de Arena de SP, uma estrutura para a montagem daquilo que se conheceu como o CPC da UNE, que é de abril de 61.

Eu quero chamar a atenção de vocês para o seguinte dado que eu acho importante: de maio de 60 à abril de 61 surgem quatro movimentos . Quando, em setembro de 1963, se reúne no Recife o 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, estão presentes 77 organizações, que nesse país se preocupava, se organizava e se estruturava em torno de uma proposta alternativa de educação.

Então, desses quatro, nós vamos trabalhar um desses movimentos, porque infelizmente o tempo não dá mais, que seria no caso a experiência de Natal, a experiência não, a prática de Na

tal.

Natal nos anos 60 é uma cidade de 160 mil habitantes. A princípio pode parecer muito pouco (a Rociinha no RJ tem 200 mil habitantes) ~~100 mil habitantes~~ mas com uma circunstância: é que do final da guerra, até 1960, a população crescera multiplicado por quatro, portanto, apesar de ser 160 ^{Mil} só, essa inchação tinha sido muito rápida. A escola pública sofrera um colapso, porque de 11 grupos escolares que havia, um foi transformado numa faculdade de direito. Ensino público municipal não existia, foi criado por Djalma Maranhão. Em eleições de 1960, discute-se muito a questão da escola pública, porque está se discutindo desde 1947, a LDB da Educação Nacional. Então durante a campanha de 1960, nos comitês nacionalistas, onde se organiza a plataforma do candidato Djalma Maranhão, reivindica-se escola para todos, a erradicação do analfabetismo (rapidamente, a população que me ouve é muito jovem, não é desse tempo, quem nasceu antes dessa época ainda estava muito novinho, a campanha de 60 se faz dentro de um processo político de 13 partidos políticos).

Então, em Natal, as forças progressistas, as forças de esquerda, as forças nacionalistas, resolveram organizar-se através de um instrumento acima das legendas partidárias, os comitês nacionalistas. O comitê nacionalista que nao vai ser dissolvido depois da eleição, vai continuar órgão de assessoramento do prefeito, ~~uma~~ discute os problemas do bairro, na moldura local, municipal, estadual, nacional e internacional, isto é, politiza-se a questão.

Ao listar as reivindicações dos bairros, veio como prioridade um, a educação. O candidato Djalma Maranhão vai se eleger com 68% dos votos, consequentemente com alta representatividade,

e tem como obrigação cumprir aquele programa que foi colocado em suas mãos. Por isso é que eu digo, "De pé no chão" veio no bojo do movimento popular, "De pé no chão" não é uma criação de PhDs, Pé no chão não é uma criação de iluminados, Pé no chão é fruto da discussão política da questão da educação. A campanha passa por 8 fases, mas não vamos ter tempo aqui de reproduzir todas as oito. Nós estamos dando assim os principais landes.

Ela começa por exemplo com o aproveitamento de todos os espaços cedidos gratuitamente à prefeitura. A prefeitura instalava uma escola contanto que ~~ela~~ não pagasse aluguel, nem luz, nem água, porque não tinha condições, não tinha dinheiro.

O que é instalar uma escola para a prefeitura?

Era colocar os bancos escolares, pagar um pró-labore a uma monitora (daqui a pouco eu vou falar sobre o problema dos recursos humanos, como é que nós vamos resolver essa questão), as segurar a merenda escolar, assegurar o lápis, a borracha, a cartilha para o aluno. Essa foi a primeira fase, a chamada fase das escolinhas.

Mas assim, eu não tinha condições de resolver o problema, porque não havia como chegar a periferia da cidade, eu ficava sob o comando das ofertas de espaços físicos, da oferta de salas, então, em janeiro, eu me reuni (eu digo eu porque fui escolhido por Djalma Maranhão, como Secretária de Educação dele) com o Comitê Nacionalista e depois de uma discussão com 40 homens e mulheres, uma discussão de umas duas horas, veio uma sugestão de um cabloco lá atrás que levantou e disse: Olha, nós precisamos de escola, se vocês não tem dinheiro para fazer uma escola, mas se o prefeito quer fazer a escola, então faz a escola de palha de doqueiro, mas faz a escola, então começou es-

sa experiência que nós chamamos de acampamentos escolares que vocês vão ver no filme. O filme, que nós vamos passar daqui a pouquinho, ele é de 1962, é de uma fase inicial a inda da campanha. Eu gostaria que vocês examinassem o filme, inclusive, os erros do filme, a pedagogia do filme. Vocês vão notar uma certa forma autoritária na pedagogia; vocês vão ver conteúdos que absolutamente não eram necessários, mas que mais tarde foi corrigido um pouco. Agora vou falar da segunda fase, mas eu gostaria já de chamar a atenção de vocês para esse problema.

Esses acampamentos-escolas me resolveram o problema de onde sentar menino pra trabalhar, estudar e aprender a ler. Esse foi o primeiro grande desafio. O segundo grande desafio que a gente vai conversar depois do filme, é como preparar recursos humanos, e, o terceiro grande desafio: que tipo de conteúdo ensinar numa escola dessa natureza,

Esses são os três grandes desafios, eu acho que foram as três maiores batalhas que nós tivemos que enfrentar. Temos as praças de cultura que não dá tempo pra gente ver. No final de contas, de uma proposta de alfabetização, "Pé no Chão" evoluiu para uma complexa política de educação popular, passando por constantes transformações.

Na medida do possível, depois, e talvez mais nos debates a gente vai colocando isso.

Antes de passar o filme, eu gostaria, de contar a vocês a história do filme.

Esse filme nasce da seguinte forma: em 1962 nós já estávamos com oito mil alunos já matriculados e a falta de dinheiro era muito grande. O ministro da educação era Darcy Ribeiro que,

naquele período, foi fazer uma palestra no Recife. Eu saí de Natal, fui pro Recife, como todo nordestino, com o pires na mão à procura de recurso. Darcy me respondeu que não tinha dinheiro, as verbas estavam comprometidas, mas como ele tinha conhecimento do nosso trabalho e ia documentar a experiência, mandou um cinegrafista pra fazer o filme. Esse filme depois passou a circular na UNE-volante, foi um filme amplamente divulgado.

Aí veio o golpe de Estado, em 64 (aquilo que alguns desavisados, ou alguns interessados, chamam de revolução), e, a partir daí, a repressão foi muito grande. O prefeito preso, a minha equipe também presa. Mas uma amiga, demonstrando grande coragem, pois a Secretaria estava cercada pelas forças armadas, pegou uma cópia do filme, a única pois só tínhamos uma, botou dentro da bolsa e, no final do expediente, foi embora pra casa dela. Carregou o filme, chegou em casa, aí todo mundo ficou com medo (e naquele tempo, que o Dr. Alceu de Amoroso Lima chama de terrorismo cultural) a família caiu em cima da menina:

— Você tá maluca, você trás aí esse negócio da escola do Djalma Maranhão, Djalma Maranhão tá preso ! Moacyr de Góes tá preso, tá todo mundo preso ! Trazer isso pra cá, vamos ser presos também. Aí resolveram mandar para uma fazenda que tinham no interior. Quando chega no interior reproduz-se a mesma coisa, todo mundo com medo, Então foi quando uma pessoa da família resolveu enterrar o filme.

Dez anos depois, eu comecei a pesquisar para escrever a experiência "Pé no Chão", que é esse livro aqui, e comecei a recolher documentos, a conversar com pessoas, reconstituindo a história. Ela então se lembrou do filme, eu dava o filme como perdido. Ela foi ao interior e, por sorte, a pessoa que enterrou se lembrava ainda onde havia enterrado. Foi lá e desenterrou.

rou. Resultado: taí o filme, é uma peça arqueológica, é um fossil muito valioso.

Bem, o filme que tem 23 anos, eu acho que resiste inclusive a beleza plástica de algumas cenas, do sentido lúdico da campanha, o jogo, a dança.

Mas vamos terminar a conversa. Em termos quantitativos, em março de 1961, nós tínhamos dois mil alunos; em dezembro, oito mil; em 1962, quinze mil; em 1963, dezessete mil. Isto só em Natal, porque a partir de 1963, nós tivemos convênios com as prefeituras do interior, e em janeiro de 64, nós tínhamos um encontro de 40 prefeitos do interior que iriam promover idêntica campanha. Em 63 cria-se também a campanha "De pé no chão também se aprende uma profissão", que atinge 800 alunos e onde eram dados cursos de iniciação profissional. O custo aluno no ensino primário é de menos de dois dólares (eu coloquei a quantidade em dólar, não para utilizar a moeda da nossa matriz, é que as reformas de Castelo Branco e a inflação são de níveis tais, que se se colocar aí dois mil cruzeiros, não dá pra pescar), agora nessa população de dezessete mil alunos, nós tínhamos 3 a 4 mil adultos.

Agora vamos discutir um pouquinho a questão dos recursos humanos. Natal tinha, à época, uma escola normal, que anualmente colocava no mercado de trabalho 30, 40, 20 normalistas. Quer dizer, evidentemente era impossível você fazer uma campanha de massa com tão pouca gente, então, "Pé no Chão" partiu pra experiência de criar os seus próprios recursos humanos, não esperar por Escola Normal, Faculdade de Filosofia, mas fazer através dos cursos de emergência e de cursos de reciclagem a preparação do monitor. Dependendo do avanço das turmas preparava-se os monitores, entre 4 e 5 meses, com 5 horas de trabalho diário, inclusive

ve aos sábados. Depois de aprovados numa prova final, este monitor ia trabalhar na campanha, subordinado a um orientador ou supervisor, que era uma professora diplomada.

O esquema era o seguinte: 20 professores-monitores, oriundos desses cursos de emergência, 20 trabalhavam sob a supervisão de uma professora diplomada (por isso Paulo de Tarso num Encontro Latino Americano de Educação dizia que em "Pé no Chão" um professor vale por 20). Nesse sentido, cada professor diplomado é reciclado pra ser orientador ou supervisor e assume a responsabilidade do trabalho de 20 monitores, visitando essas classes, ou os acampamentos, que também eram dirigidos por professores diplomados, ou ainda visitando as escolas isoladas, sobre as quais ele tinha a responsabilidade do trabalho pedagógico de 20 monitores. Agora, isto, era evidentemente um plano de emergência. Nós teríamos, a médio e longo prazo que trabalhar com outras metas.

No final de 62, é criado, o Centro de Formação de Professores que vai absorver os cursos de emergência, ali com uma estrutura orgânica os cursos de reciclagem são dados para aqueles professores mais fracos, para aqueles monitores mais fracos, que voltaram para serem reciclados. Portanto um ginásio normal de 4 anos, um colegial pedagógico de 3 anos, ao todo 7 anos, e uma escola de aplicação. Com isso, a gente procurava trabalhar à nível de emergência sim, mas não ficando à nível de emergência, pelo contrário, se abrindo uma expectativa, de que aquela emergência um dia seria transformada num plano regular, de formação de quadros, de formação de professores.

Em 1961 nós preparamos 243 monitores (eu não consegui saber o nível de supervisores, não encontrei esse dado). Em 62

fossem cedidos gratuitamente à prefeitura ou construir a escola de palha e de coqueiro, que era o acampamento.

O segundo grande desafio era quem colocar dentro de uma sala de aula. Nós não tínhamos recursos humanos pra isso, tínhamos que arregaçar as mangas e criar os próprios recursos humanos.

O terceiro grande desafio é o que é que essa professora vai dizer. Vocês viram, no filme, uma professora querendo que a menina soubesse quem era D. Leopoldina, e evidentemente, que para aquela população não havia nenhuma razão para aquela menina soubesse quem era D. Leopoldina. Ainda bem que aquela menina levanta o nariz, apesar da hostilidade repressora da professora.

Outra coisa que não tem nenhum sentido é você alfabetizar com ovos de Páscoa, para uma população que não tem arroz, nem feijão, e você vai colocar lá ovos de Páscoa, chocolate? Então, pensando nisso tudo, é que nós partimos para o terceiro grande desafio que era o que ensinar. Depois de muitas discussões nós chegamos a algumas conclusões: Primeiro, era preciso ter a sensibilidade para saber o nível de interesse, de percepção do alunado, isto é, os caminhos da decodificação de uma linguagem nossa, de classe média. Então como é que se trabalhou essa proposta? As orientadoras ou supervisoras estão reunidas semanalmente com os seus monitores pra ver o acompanhamento do trabalho, corrigir, propor, etc., foi acrescentado mais um item a essa reunião semanal da orientadora com as suas monitoras, e os itens eram o seguinte: O que é que nós vamos ensinar. Então aquelas 20 monitoras davam as suas sugestões às orientadoras. Quinzenalmente essas orientadoras estavam reunidas com o Centro de Formação de Professores, com a equipe técnica, levavam essas sugestões e, então, se

e laborava o material didático. Aqui no livrinho de "Pé no Chão", eu consegui resgatar uma unidade de trabalho, chamada "Os ajudantes da Comunidade", em que o aluno vai identificar quais são os ajudantes da comunidade, e nessa identificação, ele aprende português, matemática, história, geografia, em níveis diferenciados: o nível de alfabetização, o de 1º ano, de 2º ano, de 3º ano. As classes de 4ª série são raríssimas porque nós não tivemos tempo, começamos em 61 e fomos destruídos em 64, consequentemente são muito raras as classes de 4ª série. Todo esse material era mimeografado no Centro e voltava a sala de aula. Foi o caminho que se começou a desenvolver para obter um ensino mais adequado, mais dentro da realidade em que se vivia.

Outras coisas que também estão ligadas à docência, aos recursos humanos são os círculos de leitura (Nieren, o presidente da Tanzânia, um dos líderes do terceiro mundo, ele disse com muita propriedade: "Só as pessoas podem desenvolver-se a si mesmas, não podem ser hetero-desenvolvidas"), nós acreditamos também nisso, é preciso que as pessoas realmente assumam um compromisso político com a educação, não digo político-partidário, digo que temos de assumir um compromisso político com a educação, senão nós não estaríamos realmente à altura de desempenhar a tarefa. Ora, o compromisso político de "Pé no Chão" com a população pobre, era no sentido de que aquele ensino tivesse qualidade, e para que aquele ensino tivesse qualidade era necessário que as pessoas pudessem transmitir com qualidade, e nós trabalhávamos com um pessoal não qualificado academicamente. Então, esse tipo de leitura consistia num esquema muito simples: a diretora de acampamento tinha um mimeógrafo à álcool, uma biblioteca, e sendo uma professora diplomada, ela escolhia um texto, mimeografava-o e distribuí-a para suas monitoras. Quinze dias depois discutia-se aquele texto e assim as pessoas iam crescendo profissionalmente.

te, não é fazer o curso de monitora de 4,5 meses, fechar o livro e achar que está preparada, não, a preparação de um professor não termina nunca ! Há 25 anos que estou dentro da sala de aula, e graças a Deus, não quero sair dela. Dos 25 anos da sala de aula, só estive fora um ano: foi 6 meses na cadeia e 6 meses sem emprego, o restante o meu lugar é ali, dentro daquela minha sala de aula, ali é o meu espaço. Ora, aí é que vamos ter que crescer profissionalmente, e aquele círculo de leitura fazia com que as pessoas acreditassem, criassem confiança em si, soubessem o que estavam dizendo.

Nós tínhamos um programa de rádio, no qual diariamente, através das duas emissoras, nós fazíamos meia hora de discussão sobre educação, para criar opinião pública, porque, diga-se de passagem, a alta classe média olhava aquelas escolas e franzia o nariz. Ela tinha escola, sempre teve boa escola, agora nunca se preocupou que o outro não tivesse escola, então, numa terra pobre, a escola teria que ser necessariamente pobre. Não é que eu defenda isso como plano definitivo. "Pé no Chão" tem a grande vantagem de quebrar o imobilismo. Eu gostaria que todas as minhas escolas fossem aquilo que os franceses chamam de "A cara da Pátria". Mas quando eu estava ensinando debaixo da palha de coqueiro, como Anchieta ensinou em 1500 no Brasil, a culpa não era minha mão, a culpa é de um sistema que foi gerado, nesse país de origem colonial, e que se perpetua até hoje, e do qual a classe dominante sabe muito bem explorar e tirar ótimos resultados. É que a história nos diz.

Então, ensinar debaixo da palha de coqueiro era, antes de mais nada, uma denúncia, uma denúncia a essa situação, e

isso eu aprendi com o tempo. A princípio, quando chegavam os jornalistas pra ver estes pedagogos, eu ficava cheio de dedos, como é que eu vou mostrar minha escola de palha? Mas com o tempo, fui aprendendo a fazer um discurso em cima daquilo, porque, antes demais nada, era um discurso de denúncia.

A praça da cultura, é uma praça comum que é urbanizada para ter uma quadra de esportes, uma biblioteca. A biblioteca da gente sabe o que era? Era uma casa de madeira, onde tinha dois mil livros, mas nas paredes tinham todos os jornais da cidade e até do RJ, então, quem não podia comprar jornal se informava através dos jornais rurais, e um parque infantil. A praça de cultura era isso, teatro, museu, edições, uma carteira de adultos, que deu inclusive problemas sérios. Ao nível político, convênios com a universidade federal do RN. Só que ao invés de levar "Pé no Chão" para dentro da universidade, a gente trouxe a universidade para debaixo de "Pé no Chão", debaixo das palhas de coqueiro.

As lideranças estudantis, todas elas, tiveram uma grande colaboração com o trabalho. Ainda, em termos de funcionamento, determinados esquemas que foram fundamentais, por exemplo, havia um grupo de pesquisa. São pesquisadores formados em universidade? Não, são secundaristas.

O círculo de Pais e professores teria uma função política muito importante. Eu me lembro (eu vou contar outra historinha), que no acampamento nordeste, no limite da cidade, nós estávamos fazendo um Círculo de pais e professores, inclusive, o prefeito estava presente, vez por outra ele pintava, e o meu professor estava lá e fez um discurso muito bonito da teoria da aprendizagem, como é que se ensina, como é que se aprende, e eu tendo aquele pessoal ali ouvindo, aqueles adultos (pais de

TROCA DE FITA

alunos, alguns alunos adultos também), mas o pessoal já estava cansado, incomodado. Aí, em abri os debates e nada, ninguém falou nada, pensei: o negócio tá ruim, aqui vai ser meio difícil, ficou aquele constrangimento. Aí, de repente, um camarada, que estava lá atrás, se levantou e disse: perfeito, o que a gente precisa aqui é de água. No bairro não havia água encanada. Quer dizer, para nós professores, para nós intelectuais de classe média, nós estávamos pensando que a necessidade primeira era a escola, mas pra eles, realmente, o fundamental é a sobrevivência, é isso é o nordeste. Não é aqui na Amazônia, onde em cada esquina vocês encontram um rio. Lá a situação, vocês sabem como é, a não ser na hora de cheia, como agota.

Dessa reunião saiu um grupo de alunos e um grupo de pais para pressionar o governo do Estado para que a água encanada chegasse àquele bairro. Aquele bairro conquistou água em função da escola, foi a escola que desenvolveu a luta da melhoria da qualidade de vida daquela população. Por isso, é que eu digo, mesmo no populismo, é possível haver algumas providências, algumas lutas de caráter popular, superar o populismo e alcançar realmente o popular.

Vamos ver se a gente termina:

1. As influências importantes do período: A revolução cubana teve um papel importante, na época. Cuba erradicava o analfabetismo e nós fazíamos uma análise, que hoje eu reconheço ingênua. Dizíamos o seguinte: Se Cuba erradicou o analfabetismo porque nós não vamos fazer a mesma coisa em Natal? Ora, Cuba tinha passado por um processo profundo de revolução, era outro pique, era outro clima, eram outras demandas. Mas de qualquer maneira a revolução cubana teve uma influência benéfica. O Vaticano II,

na medida em que liberou os católicos para uma ação política. E nós chegamos, por exemplo, a ter na UNE, na União Nacional dos Estudantes, aliança da JUC- Juventude Universitária Católica com o partido Comunista; da JUC que depois vai gerar a AP- Ação Popular, que vai ser o primeiro grupo católico cristão a pregar o socialismo. Por fim, a crise do populismo, que é aquela nossa coversa inicial. Estas são as influências maiores.

2. As transformações de "Pé no Chão. Acredito, pelo menos é a minha percepção, que "Pé no Chão" tenha passado inicialmente do Nacionalismo_ Desenvolvimentista_ que era o clima de JK, o governo de metas, 50 anos em 5 _ à conscientização de Paulo Freire; e da democratização da educação, que era a primeira proposta (inclusive nós colocávamos as cartilhas acriticamente nas mãos das crianças, porque a primeira preocupação era abrir escolas de qualquer jeito), à denúncia da dependência, do subdesenvolvimento. Fazer uma escola que não fosse somente a reprodução.

3. As rupturas: "Pé no Chão" poderá ter promovido a ruptura com o pensamento colonizador-colonizado, uma vez que tentou pensar por si mesma. Rompeu o círculo que Paulo Freire havia identificado em 1957: pauperismo- analfabetismo- pauperismo. O pauperismo continuava, mas dentro do pauperismo havia escola. E, finalmente, democratizou as decisões, reduziu ao mínimo os escalões intermediários.

Hoje, por exemplo, no RJ, a gente vê que um pai de aluno, uma mãe de aluno jamais ti em acesso à professora, tem tantos SECs, DECs, MECs no meio do caminho, e mais psicólogos, assistentes sociais, e mais não sei quê, que, de repente, quebra o vínculo existente entre a família e a escola.

Ainda em termos de ruptura, "Pé no Chão", primeiramente,

poderá ter contribuído para a ruptura da escola acadêmica, burguesa a. Por exemplo, na hora em que gerou os próprios recursos humanos, ela quebrou uma das coisas fundamentais do capitalismo, que é a hierarquia de trabalho. O que é que o capitalismo faz ? O capitalismo quebra na cabeça do operário a globalidade de sua obra, a globalidade de seu trabalho, dividindo-o em porções, em pequenos pedaços, então, de repente, só se sabe fazer é apertar um determinado parafuso, e isso se reproduz na hierarquia funcional das empresas e do mundo do trabalho. Na hora em que se cria os próprios recursos humanos, está-se colocando uma cunha dentro dessa visão capitalista; não é que se tenha superado a contradição capitalista — não chegamos a isso, não fizemos uma cultura operária, não houve a revolução socialista no Brasil, nada ! Apenas colocamos uma cunha no processo. Segundo, não confundir escola com prédio escolar. Hoje nós sabemos que existe muitas vezes o prédio, prédio até bonito; existe professor, existe aluno, mas não existe escola. Escola é uma coisa, prédio escolar é outra. Eu acho que a gente precisa começar a discutir essa questão, porque quando um prefeito ou um governador terminam os relatórios finais de administração é sempre a mesma coisa : construí 100 milhões de m2 de escola. Eu nunca vi nenhum deles dizer o que se faz nesses 100 milhões de m2 de escola, porque tendo dinheiro é muito fácil construir 4 paredes, um piso, e um teto. Agora, eu quero saber o que vai ser dado ali dentro, se aquilo é escola, ou não o é escola. Portanto, não confundir escola com prédio escolar ainda hoje é fundamental se discutir. E, finalmente, "Pé no Chão" demonstrou a capacidade das classes subalternas, das classes subordinadas, das classes emergentes, para propor e executar uma política de educação. Quer dizer,

quebrou também alguma coisa que era tabu, que educação é a classe dominante que pensa e propõe. Aqui não, aqui houve uma emergência de uma classe subalterna que participou do processo, discutiu-o e o executou.

Eu vou terminar, mas antes de terminar, e como sempre faço (é possível que alguns de vocês aqui já tenham me ouvido falar sobre esse tema), reservo os meus últimos minutos para uma homenagem a três lideranças que poderiam estar conosco aqui, hoje, discutindo a campanha de "Pé no Chão", discutindo a educação, e que não estão porque foram mortos pela repressão.

São três lideranças da campanha de "Pé no Chão" para as quais eu me volto com a maior emoção, para significar esse pleito de reconhecimento: Prefeito Djalma Maranhão, preso em 1964, deportado para a Ilha de Fernando de Noronha, exilou-se no Uruguai, onde morreu só. A anistia que me beneficiou, que me deu condições de voltar à universidade, chegou muito tarde para ele; o vice-prefeito Luís Gonzaga dos Santos, do CPC-Natal, preso em 1964, deportado para a Ilha de Fernando de Noronha, estava libertado por ordem de "habeas corpus" do Supremo Tribunal Federal, estava refazendo a sua vida em Niterói, no RJ, quando foi preso para responder a mais um inquérito, na 7ª auditoria do Recife. Apesar de alertado por médicos cardiologistas de que sofria do coração, ainda assim foi colocado num avião sem cabine pressurizada e mandado para os quartéis da 7ª Região Militar do Recife. 24 horas depois morria no quartel que lhe servia de prisão; o terceiro, é Luís Inácio Maranhão Filho, meu colega de Faculdade de Filosofia, ex-deputado estadual, jornalista, do CPC-Natal. Ombro-a-ombro conosco na campanha de "Pé no Chão", teve o mesmo roteiro, deportado para a Ilha de Fernando de Noronha, libertado

por ordem de "habeas corpus", preferiu, por uma questão de coerência política, a continuidade da sua vida política na clandestinidade, onde chegou até o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro. Luís desapareceu em São Paulo, hoje a mulher não sabe se é esposa ou se é viúva, e os seus amigos não tiveram condições, até hoje, de colocar em seu túmulo uma cruz ou um símbolo. É um dos desaparecidos brasileiros. A eles três, a quem nós devemos o dia de hoje, dia em que voltamos a discutir, em liberdade, a questão da educação, eu dedico, pra encerrar, os versos de Pablo Neruda, porque não há poeta maior, que também tenha sentido os anseios e a luta do seu povo.

"Não renunciéis ao dia que vos entregam os mortos que lutaram, cada espiga nasce de um grão entregue à terra, e como trigo, o povo enumerável junta raízes, acumula espigas, e na tormenta desencadeada, sobe à claridade do universo"

Muito Obrigado